INSTUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

WALFRAN RIOS DA COSTA

UNIÃO COM DEUS: UM DIÁLOGO ENTRE OS MÍSTICOS

ICESPI - Biblioteca
9329 | 04/03/2013

TERESINA

2012

WALFRAN RIOS DA COSTA

UNIÃO COM DEUS: UM DIÁLOGO ENTRE OS MÍSTICOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a conclusão do Curso Livre de Teologia do ICESPI, sob orientação do Prof. Mestre Pe. Gilberto Felipe

TERESINA

2012

WALFRAN RIOS DA COSTA

UNIÃO COM DEUS: UM DIÁLOGO ENTRE OS MÍSTICOS

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Curso Livre de Teologia

Data da aprovação:___de_____de 20__

_____
Prof. Ms. Pe. Gilberto Felipe
Orientador

_____

_____

Conceito: _____

A vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina.

GS 22

Agradeço a meu diretor espiritual, Pe. Jonilson Torres, por ter acompanhado a minha vocação e pelo incentivo ao aprofundamento de uma vida íntima com Deus.

Igualmente, agradeço a meu professor orientador, Pe. Gilberto Felipe pelo acompanhamento de meu TCC, e, aos meus irmãos e amigos do seminário Sagrado Coração de Jesus, que no dia-a-dia muito contribuem – de diversas formas -- para meu crescimento no seguimento de Cristo.

Por fim, sou muito grato a professora de língua portuguesa Liana Saraiva por ter corrigido minha monografia.

RESUMO

COSTA, Walfran Rios da. **União com Deus: um diálogo entre os místicos.** Trabalho de Conclusão de Curso - TCC- Curso livre em Teologia. ICESPI, 2012. 54f.

Este trabalho é destinado a estudantes e pesquisadores que queiram aprofundar seus conhecimentos sobre o tema da união com Deus e ampliarem sua visão acerca desta realidade tão presente na vida dos cristãos de todos os séculos. Neste trabalho encontram-se várias reflexões sobre a divina união, a saber, como é entendida ao longo da história, seus frutos e a sua relação com o batismo no Espírito. Além disso, também algumas questões teóricas serão tratadas com perspicácia para uma compreensão adequada como a divinização, semelhança divina, perfeição da caridade, graus da vida espiritual e os próprios benefícios que a união com Deus traz consigo. De modo particular, trata da união divina explicada pelo doutor místico, João da Cruz.

Palavras - chave: União com Deus. União divina. Perfeição. Divinização.

ABSTRACT

COSTA, Walfran Rios da. Union with God as St. John of the Cross. Work Course Conclusion - Course CBT- free in Theology - TCC- . ICESPI. 2012. Free course in Theology . 54f.

This paper is aimed at students and researchers who want to deepen their knowledge on the subject of union with God and expand his vision of this reality so present in the lives of Christians of all ages. In this work there are several reflections on the divine union, namely, as understood throughout history, its fruits and its relation to the baptism in the Spirit. Also, some theoretical issues will be dealt with a proper understanding acumen as deification, divine, perfection of charity, degrees of spiritual life and their own benefits that union with God brings. In particular, the divine union explained the Dr. mystic, John of the Cross.

Keywords: Union with God. Divine unión. Perfection. Deification.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

CAPÍTULO I 12

UNIÃO COM DEUS AO LONGO DA HISTÓRIA **12**

1. No Antigo Testamento 12

2. União com Deus no Novo Testamento 13

2.1. União com Deus em João 15

2.2. União com Deus em Paulo 16

3. Patrística 18

3.1. União com Deus em Orígenes 18

3.2. União com Deus em Agostinho 19

4. Na Idade Média 20

4.1. Divina união em Bernardo de Claraval 20

1.8 Divina união em Catarina de Sena 21

5. Na Idade Média 23

5.1. União com Deus em Teresa de Jesus 23

5.2. União com Deus em João da Cruz 25

6. Em nossos dias 27

6.1. Faustina 27

6.2. Pe. Pio 29

CAPÍTULO II 31

BENEFÍCIOS DA UNIÃO COM DEUS **31**

1. União com Deus: deificação 31

2. A união com Deus recupera a semelhança divina 33

3. União com Deus: estado de perfeição e de inúmeras virtudes 36

4. União com Deus: perfeição da caridade 37

5. União com Deus: plenitude do Espírito Santo, plenitude de dons e graças 38

6. União divina: destruição do amor egoísta 39

CAPÍTULO III 42

3. RELAÇÃO ENTRE UNIÃO COM DEUS E BATISMO NO ESPÍRITO SANTO 42

1. Haverá relação? 43

2. Batismo no Espírito Santo: fundamento na Escritura 44

3. Batismo no Espírito Santo é diferente de batizar com água? 44

4. Testemunho pessoal de Raniero Cantalamessa 46

5. Batismo no Espírito Santo: é um processo de crescimento e uma graça imerecida 48

6. Batismo no Espírito ou efusão no Espírito? 49

CONCLUSÃO 51

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA 53

INTRODUÇÃO

Neste nosso trabalho, faremos um breve estudo da união com Deus na visão de São João da Cruz, Doutor da Igreja. Não abordaremos todas as questões e assuntos relacionados com a divina união na concepção deste santo carmelita. Contudo, abordaremos o suficiente para a compreensão desta temática tão esquecida nos nossos tempos.

No primeiro capítulo, veremos que a divina união foi tematizada e explicada ao longo de todas as épocas da espiritualidade cristã. Não somente a divina união mas também os temas relacionados a ela, como a perfeição e a santidade, são citados na Sagrada Escritura. A partir dela, iniciaremos nosso estudo. De modo muito rápido, explicaremos somente um aspecto do A.T que trata de perfeição. Já no N.T comentaremos a visão dos sinóticos – Mateus, Marcos e Lucas – e dos escritores sagrados, João e Paulo. Assim, perceberemos como a Palavra de Deus, que é luz, vai iluminar nossa reflexão para entendermos melhor a graça sobrenatural de ser um com Deus.

Na Patrística, limitar-nos-emos a dois Padres da Igreja, um do oriente e outro do ocidente, a saber: Orígenes e Agostinho. Não que este período não tivesse outros, mas por causa do significado de cada um deles na mística. Bastam os dois para entendermos um pouco de como os Padres da Patrística refletiam sobre a união divina.

Na Idade Média, destacaremos os místicos mais populares e influentes na vida não só do povo, mas da própria Igreja. São Bernardo e Santa Catarina de Sena

são os mais relevantes para nosso estudo. Por isso, veremos como cada um deles explica a união divina e como chegar a possuí-la.

No período moderno, são, sobretudo, Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz os mais importantes para nosso estudo. Ninguém como estes dois santos explicaram detalhadamente os mistério da união divina de forma tão clara e simples. Por fim, no primeiro capítulo, nossa reflexão terminará por fazer uma análise dos ensinamentos de Santa Faustina e São Pio de Pietrelcina, o famoso Pe. Pio.

No segundo capítulo, abordaremos os benefícios que a união divina produz no coração e na vida de cada um. Começaremos a tratar de uma temática tão relevante e que lamentamos ser esquecida até pela própria teologia, como a divinização ou deificação. A seguir, provaremos que outro fruto da união com Deus é a recuperação da semelhança divina perdida por causa do pecado original. Faremos a distinção entre imagem e semelhança, para se entender que por mais desgraças que o pecado tenha acarretado na vida humana, o ser humano perdeu os dons da santidade e justiça original. Porém, ainda permaneceu sendo imagem de Deus possuindo liberdade e consciência como Deus. Depois, mencionaremos que a união com Deus faz-nos entrar no estado de perfeição. Neste estado, a pessoa possui inúmeras virtudes, grandes e fortes, devido a sua pureza e abertura para Deus. Outro bem que a união gera na pessoa é a caridade perfeita. Mostraremos que esta caridade é aquela que o apóstolo João falou em sua carta[1]. Contudo, outro dom divino oferecido neste estado é a plenitude do Espírito Santo. O cristão possui, junto com o Espírito Santo, muitas virtudes; dons, carismas e até graças extraordinárias. Em fim, a última graça citada no nosso trabalho acerca da união com Deus é a destruição do amor egoísta. O indivíduo pela graça sobrenatural da união, consegue já viver, a partir deste estado, de modo altruisticamente.

No terceiro e último capítulo, abordaremos a questão da relação entre a união com Deus e o batismo no Espírito Santo. Provaremos que há sim uma relação entre estas duas graças divinas. Em seguida, fundamentaremos o batismo no Espírito na Escritura Sagrada. Depois, será feita a distinção entre o batismo sacramental e o batismo no Espírito Santo para que ninguém entenda que seja a mesma coisa. Demais, evidenciaremos a reflexão e o testemunho de um teólogo tão conhecido na

---

[1] Cf. 1 Jo 4, 18.

Igreja, a saber, Raniero Cantalamessa, por ser um escritor fecundo e por ser o único homem na Igreja a pregar para o Papa. Vamos tornar claro que o batismo no Espírito é uma graça que pode ser acrescida e é imerecida. Por fim, abordaremos a tão problemática terminologia desta experiência: batismo no Espírito ou efusão no Espírito?

CAPÍTULO I

UNIÃO COM DEUS AO LONGO DA HISTÓRIA

1. União com Deus no Antigo Testamento

Não pretendemos fazer uma análise pormenorizada da união com Deus na Sagrada Escritura. Contudo, procuramos, neste início de trabalho, evidenciar que muitos homens e mulheres viveram uma experiência profunda com Deus ao longo da história de salvação.

Já desde o Antigo Testamento, alguns são chamados a um relacionamento mais íntimo com Deus, como Abrão. A união com Deus consistia em andar na Sua presença de Deus. Numa certa aparição, Deus assim falou a ele: "Eu sou El Shaddai, anda na minha presença e sê perfeito."[1] Este chamado de Deus de andar na sua presença também foi inspiração para muitos posteriormente, como podemos constatar na Beata Maria Margarida Caiani. Dizia ela:

> A prática da presença de Deus lhes fará santas muito cedo porque nos faz humildes. Ele mesmo disse ao Patriarca Abrão: caminha na minha presença e serás perfeito. Vivam sempre em Deus, por Deus e com Deus e terão alcançado a santificação[2].

---

[1] Gn 17, 1.

[2] GNEO, Corrado. **As virtudes da Bem Aventurada Maria Margarida Caiani**. [S.l.] : Instituto Irmãs Franciscanas Mínimas do Sagrado Coração, [199-]. p. 23-24.

Como trecho exemplificativo, citamos esta passagem da Bíblia no A.T para mostrar que a Palavra de Deus leva sim a uma experiência de união com Deus, de andar com Ele e nele. Existem outros textos sagrados e eles são abundantes para justificar que a Bíblia pode auxiliar-nos a um encontro pessoal e íntimo com Deus.

2. União com Deus no Novo Testamento

De início, devemos entender que os objetivos dos Evangelhos não é tratar de conteúdos místicos, mas de uma mensagem de salvação e de amor de um Deus que se revelou na pessoa de Jesus de Nazaré.

Cabe-nos explicar o que seja a mística. Contudo, existe uma enorme quantidade de conceitos sobre a definição de mística[3]. Assim como a experiência de fé de cada um admite vários modos e graus, assim também a experiência mística varia de pessoa para pessoa. Logo, concordamos com o chamado universal à vida mística, embora a vivência mística seja bem diversa de pessoa para pessoa. Hoje se fala de mística contemplativa e mística não contemplativa, ampliando o conceito místico do passado de ser um fenômeno de pessoas privilegiadas[4]. Não obstante, a experiência comum é diferente da experiência mística. Podemos perceber isso no pensamento de A. M. García Ordás[5] (apud Federico, 1996, p. 507-508):

> A experiência mística não é uma simples experiência de Deus, como pode ser o caso da experiência religiosa; trata-se de um modo novo e especial de experimentar a Deus. A experiência religiosa vai, de certo modo, de baixo para cima, dos atos humanos religiosos ascende até Deus. A experiência mística vai de cima para baixo, experimenta a ação de Deus na alma. Na experiência religiosa, o homem, para se relacionar com Deus, tem de refletir de algum modo sobre os seus atos: às vezes, esta reflexão pode ser mínima. A experiência mística é anterior a toda reflexão; aqui se descobre a ação de Deus na alma de um modo misterioso.

---

[3] Cf. SALVODOR, Federico Ruiz. **Compêndio de Teologia Espiritual**. São Paulo: Loyola, 1996, p. 503. Neste livro, Federico Ruiz Salvador define a mística como "uma experiência imediata de Deus e das coisas divinas pela via do conhecimento e do amor, devido a especial influência do Espírito Santo".
[4] Id., Ibid., p. 509.
[5] Id., Ibid., p. 508.

Se compreendermos o sentido da expressão "mística" nos tempos atuais, poderemos sim afirmar que indiretamente os Evangelhos abordam certos conteúdos e temáticas da mística cristã, especialmente o Evangelho de João.

Para os teólogos pós-modernos, como Karl Rahner[6] (apud Federico Ruiz, 1996, p.497), todos são chamados a serem místicos. É famosa sua afirmação: "O cristão do futuro ou será um místico, isto é, uma pessoa que experimentou algo, ou não será cristão". Assim, entendemos que místico é aquele que faz uma experiência profunda de Deus. Não só uma experiência inicial de conversão, mas uma experiência de amadurecimento gradativo no seguimento de Cristo. Está unido a Deus é aceitar e seguir Jesus Cristo. Também concorda com o nosso pensamento um autor espiritual muito influente na atualidade, Anselm Grün:

> No Novo Testamento, sobretudo nos textos de João e Paulo, encontramos uma Teologia Mística. Assim eles ensinam: o caminho do cristão é um caminho que intensifica a unidade com Deus. Mas também os evangelhos Mateus, Marcos e Lucas, e as cartas do Novo Testamento, apresentam-nos a dimensão mística de nossa relação com Deus[7].

Portanto, a mística que trata da união divina pode sim ter um fundamento na Escritura, particularmente em João e Paulo. Contudo, até em outros evangelhos constatamos a mística, mesmo que indiretamente. É o evangelista Mateus que relata que Jesus nos chamou à perfeição: "Deveis ser perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito."[8] Além disso, é o mesmo evangelista Mateus que relata que Jesus assim falou ao jovem rico: "Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e dás aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me."[9] É essa perfeição que os místicos tanto procuram e dedicam toda a sua vida a encontrá-la. Estas passagens inspiraram muitíssimos homens e mulheres a deixarem tudo para serem perfeitos, isto é, santos.

---

[6] Federico Ruiz, 1996. p.497.
[7] GRÜN, Anselm. **Mística:** descobrir o espaço interior. Petrópolis, Vozes, 2012. p. 29-30.
[8] Mt 5, 48.
[9] Mt 19, 21.

2.1. União com Deus em João

Percebemos que João utiliza algumas expressões que foram bastante usadas na mística posterior. Primeiro, diz que Deus habitará nas pessoas se elas guardassem as palavras de Jesus. Assim está escrito no Evangelho de João: "Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada."[10] Logo, Santa Teresa de Ávila, ao descrever o mais alto estado da vida mística, diz que esta passagem se refere ao matrimônio espiritual, isto é, a presença e habitação da Santíssima Trindade na pessoa. Diz Teresa:

> Introduzida nesta morada, por visão intelectual, se lhe descobre a Santíssima Trindade – Deus em três Pessoas, mediante certa representação da verdade. Primeiro lhe vem uma inflamação do espírito, como uma nuvem de grandíssima claridade. Vê então nitidamente a distinção das divinas Pessoas (...). Entende com certeza absoluta que as três são uma substância, um poder, um saber, um só Deus (...). Aqui as três Pessoas se lhe comunicam e falam. Fazem-na compreender aquelas palavras do Senhor no Evangelho, dizendo que viria ele, com o Pai e o Espírito Santo, para morar na alma que o ama e guarda seus mandamentos.[11]

Santa Teresa chega até a expressar sua admiração por tal ensinamento bíblico ser tão real e verdadeiro: "Valha-me Deus! Como essas palavras são verdadeiras! Como as compreende bem a alma que, estando nessa oração, sente-as realizadas me si mesma!."[12]

Depois, quem vive os mandamentos de Deus de coração e com entrega de sua vida, Jesus afirmou, no Evangelho de João, que se revelaria a essa pessoa.[13] A tradição mística também confirma tal afirmação, segundo santa Catarina de Sena em seu livro chamado *O Diálogo*. Nesse livro, assim fala Deus Pai a esta santa:

---

[10] Jo 14, 23.
[11] JESUS, Teresa de. **Castelo Interior ou moradas**. 14.ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 230-231.
[12] Id., Ibid., p. 239.
[13] Cf. Jo 14, 21.

> Um servo pode progredir e tornar-se amigo caríssimo. E é justamente o que ocorre a estas pessoas, quando elas reconhecem sua imperfeição, procuram as virtudes, destroem a raiz do egoísmo espiritual, renunciam aos sentimentos internos do temor servil e do amor interesseiro através da fé, então, sim, serão do meu agrado e chegarão ao amor de amizade. Manifestar-me-ei a eles.[14]

Portanto, percebemos que a Sagrada Escritura é fonte para a espiritualidade cristã, isto é, para a mística. Muitos santos fundamentaram suas experiências na Palavra de Deus, particularmente o Evangelho de João. Também constatamos que a Sagrada Escritura tem sim uma dimensão mística, pois conduz os seres humanos a experiência de união com Deus.

2.2. União com Deus em Paulo

Além do evangelista João, Paulo fornece-nos em seus escritos muitos ensinamentos para alcançarmos à perfeição. Lendo Paulo, qualquer cristão nota que é possível chegar a uma santidade de vida, pois todos são chamados a ela.

É na carta aos tessalonicenses que chega a dizer que é da vontade de Deus que sejamos santos.[15] Na carta aos coríntios motiva-nos a buscarmos a perfeição.[16] Os testemunhos nas cartas de Paulo são muito claros neste ponto. A todo momento o apóstolo dos gentios exorta a seus irmãos das várias comunidades a serem santos e puros.[17] Isto é inegável. Em suma, para Paulo a santidade é um chamado dirigido a todos os cristãos.

Podemos constatar também algumas noções de mística nos escritos paulinos, embora alguns autores defendam que Paulo foi um místico não possuidor de uma teologia mística. Conforme alguns biblistas, "sua teologia não se baseia em experiências que possam ser consideradas místicas, mas sim em Jesus."[18]

---

[14] Catarina de SENA. **O Diálogo**. 10.ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 132.
[15] Cf. 1 Ts 4, 3.
[16] Cf. 2 Cor 13, 11.
[17] Cf. 2 Cor 7,1.
[18] HAWTHORME, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Orgs.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2008. p.845.

Observemos como isso é confirmado pela tradição mística da Igreja ao longo dos séculos.

Na carta aos coríntios, Paulo afirma que "aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito."[19] Santa Teresa de Jesus, comentando esse texto, explica que as pessoas que se unem a Deus na união mística, tornam-se uma só coisa com ele, como afirma o apóstolo.[20] A famosa experiência (Gl 2, 20) de já não ser ele que vive, mas Cristo vive nele é comentada por outro místico eminente, São João da Cruz, a saber:

> (...) Todos os movimentos, operações e inclinações que a alma tinha anteriormente, e que provinham do princípio e força de sua vida natural, já nesta união são transformados em movimentos divinos (...). Nessa união em que está vinculada e absorvida em Deus, torna-se Deus por participação. (...). Daí lhe vem poder apropriar-se bem das palavras de São Paulo: "Vivo já não eu, mas é Cristo que vive em mim" (Gl 2, 20).[21]

Logo, conforme o doutor místico, João da Cruz, só se pode afirmar que vive em Cristo e Cristo vive nele quem de fato se uniu a Cristo pela união mística. Sabemos que todos pelo batismo estão unidos a Jesus Cristo pela graça, mas esta união mística é mais profunda e transformante, pois faz o ser humano recuperar a semelhança divina perdida pelo pecado dos primeiros pais.

Por conseguinte, Paulo cita várias vezes suas experiências de êxtases e visões.[22] Sua vida foi marcada sim por experiências místicas que mudaram o rumo de sua existência. Desde a sua conversão até a sua morte, sua vida foi marcada por revelações, visões e experiências místicas.

---

[19] 1 Cor 6, 17.
[20] Teresa de Jesus, 2008, p. 237.
[21] Cruz, João da. **Chama viva de amor:** A festa do Espírito Santo. São Paulo: Loyola, 1999. p. 73.
[22] Cf. At 9, 1-18; 18, 9-10; 22, 17-21; 23, 11; 2 Cor 12, 1-9.

3. Na Patrística

3.1. União divina em Orígenes

Desenvolveu um caminho de três etapas para explicar o desenvolvimento da experiência mística. Contudo, para Orígenes, o caminho místico começa com o encontro com Cristo. Depois desse encontro, o cristão é chamado a crescer na vida espiritual pela meditação e contemplação da Escritura[23]. Por meio da contemplação, Orígenes[24] (apud Grün, 2012, p.44) diz que a pessoa "torna-se divina através do que contempla".

Segundo este filósofo alexandrino, a Escritura ocupa um espaço relevante na mística. Pode-se até relacionar os três momentos da caminhada mística com três livros da Bíblia, a saber: Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos. Nos Provérbios, descreve a via ética da purificação; o Eclesiastes nos leva para além das aparências; e no Cântico dos Cânticos, nos conduz a União com Deus[25]. Ele apresenta o Cântico dos Cânticos como relação de amor entre Cristo e a Igreja e entre Cristo e a alma humana[26]. Também foi por mérito de Orígenes que toda a tradição mística cristã utilizou a linguagem erótica para descrever a relação da alma com Deus.

Além disso, Orígenes iniciou a fundamentar a experiência mística com a sabedoria filosófica. Conforme Anselm Grün: "Orígenes associa a Filosofia platônica à relação com Jesus Cristo; a Filosofia lhe serve de ajuda no entendimento do mistério de Jesus Cristo e do mistério da deificação dos cristãos por intermédio de Jesus Cristo."[27] Fundamentando-se em Platão, Orígenes explicou que o triplo caminho da mística é: caminho da purificação (*katharsis*), da iluminação (*photismos*) e da perfeição (*teleiosis*), que na Idade Média , segundo Anselm Grün, foi chamado de caminho da Unificação (via unitiva)[28].

ICESPI - Biblioteca
9329 | 04/03/2013

[23] Anselm Grün, 2012. p.44.
[24] Idem
[25] Anselm Grün, op., cit, p. 44.
[26] BÍBLIA DE JERUSALÉM. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2006. p. 1086.
[27] Anselm Grün, op. cit., p. 44.
[28] Id., Ibid., p. 44.

3.2. União divina em Agostinho

Agostinho apesar de ter escrito muitas obras teológicas, não escreveu um tratado propriamente místico. No entanto, pode-se encontrar em seus escritos vários ensinamentos e experiências místicas de grande valor.

No seu famoso livro *Confissões*, Agostinho narra toda a trajetória de sua existência e de sua experiência de Deus. Nesta obra, podemos notar que um princípio fundamental de sua mística é buscar a Deus dentro de si mesmo. Deus habita em nosso interior. Agostinho confessa: "Entrei no íntimo do meu coração sob tua guia e o consegui por tu te fizeste meu auxílio. Entrei, e com os olhos da alma (...) vi uma luz imutável (...)."[29] Mais adiante em seu livro, Agostinho, com uma sinceridade extraordinária, assim se dirige a Deus: "Tarde te amei, oh, beleza tão antiga e tão nova! tarde demais te amei. Eis que habitava dentro de mim e eu te procurava do lado de fora."[30]

Buscar a Deus dentro de si foi uma descoberta agostiniana que marcou a espiritualidade posterior, especialmente em Santa Teresa de Jesus. Esta santa ensina que quando a pessoa começa a ficar mais elevada na vida espiritual, entra mais em si mesma e procura a Deus em seu interior muito mais que no exterior. Diz santa Teresa de Jesus: "Buscando a Deus no íntimo da alma, melhor o encontramos e com mais proveito do que nas criaturas, a exemplo de santo Agostinho. Deus está dentro de nós mesmos."[31] Logo, esse entrar em si mesmo através da oração, já é um começo de uma vida que está se aprofundando e chegando na união divina.

Além disso, conforme um renomado autor espiritual da atualidade, Anselm Grün, a base da teologia mística de santo Agostinho é seu coração inquieto que constantemente tem saudade de Deus e só nele encontra a paz.[32] Diz Agostinho:

---

[29] Agostinho de HIPONA. **Confissões**. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2006. P. 190.
[30] Id., ibid., p. 299.
[31] Teresa de Jesus, 2008, p.87.
[32] Anselm Grün, 2012, p. 52.

"Quando eu estiver unido a ti com todo o meu ser, não mais sentirei dor ou cansaço. Minha vida será verdadeiramente vida, toda plena de ti."[33] O coração deste santo doutor da Igreja só encontrou quietude e sossego permanente na experiência de união com Deus.

4. Na Idade Média

4.1. Divina união em Bernardo de Claraval

São Bernardo é uma das personalidades mais eminentes da Idade Média. Seu poder de atração foi extraordinário, não só atraindo muitíssimos jovens para a Ordem dos Cistercienses, mas quase toda a sua família deixou tudo e entrou no convento. Em relação a sua produção textual, muito escreveu sobre o Verbo encarnado e sobre a Virgem Maria, tornando-se um dos santos que mais doce e suavemente falaram de Maria.

Sua mística está marcada pela experiência do "matrimônio espiritual". Aliás, foi este santo que praticamente cunhou essa expressão ou ganhou com ele maior destaque. Bernardo de Claraval[34] (apud LITURGIA DAS HORAS, Vol. IV, p. 1210) tratou desse tema espiritual no seu comentário sobre o Cântico dos Cânticos, seguindo a tradição dos místicos que viveram anteriormente:

> O amor do Esposo, ou melhor, o Esposo-Amor somente procura a resposta do amor e a fidelidade. Seja permitido à amada corresponder ao amor! Por que a esposa do Amor não deveria amar? Por que não seria amado o Amor? (...). Se a criatura amar com tudo o que é, haverá de dar tudo. Por essa razão, amar assim é unir-se em matrimônio, porque não pode amar deste modo e ser menos amada, de sorte que no consenso dos dois haja íntegro e perfeito casamento. A não ser que alguém duvide ser amado primeiro e muito mais pelo Verbo.

---

[33] Agostinho de HIPONA, op. cit., p. 299.
[34] LITURGIA DAS HORAS. Petrópolis: Vozes, 2000. Vol. IV, p.1210.

Além disso, Bernardo falou da transformação espiritual do crente pela ação da graça divina e da semelhança com Deus. Detalhando os benefícios da união divina, este santo, chamado de "Doutor Melífluo" por causa de sua doçura e delicadeza, assim explica:

> (...). Sendo retirada a iniquidade, que causa entre a alma e Deus uma diferença parcial, (...) haverá entre ambos uma união perfeita de espírito, uma visão natural e uma amor recíproco. Chegando o que é perfeito, o que é somente parcial desaparece, e haverá entre Deus e a alma um amor casto, totalmente desinteressado e consumado, um conhecimento pleno, uma visão manifesta, uma conjunção sólida, uma sociedade indivisível, uma semelhança perfeita. Então a alma conhecerá a Deus como é conhecida dele; ela o amará como é amada por ele; o esposo encontrará sua alegria na esposa (...)."[35]

Por conseguinte, São Bernardo de Claraval muito marcou a posteridade com sua mística de um amor apaixonado por Deus a tal ponto de compará-lo ao matrimônio. Demais, comentou a união divina usando uma analogia da água misturada com o vinho. Quando uma gota de água se mistura ao vinho, adquire a cor e sabor do vinho, embora permanecendo água. Assim, quando a alma se une com Deus é de tal modo transformada nele que mais parece Deus e adquire a divinização, isto é, ela é divinizada ou deificada.[36] Além do mais, na mesma linha dos Padres da Igreja, Bernardo afirmou que pela caridade o homem restaura a natureza humana ferida pelo pecado e a santidade original, de certo modo, é recuperada. Esta só será plena e consumada na glória.

4.2. Divina união em Catarina de Sena

É uma das místicas mais conhecidas na História da Igreja por várias razões. Primeiro, ela fez com que o Papa de sua época voltasse de Avinhon, da França para Roma, feito inédito na história do cristianismo. Depois, porque pregou aos cristãos

---

[35] GILSON, Étienne. **O Espírito da Filosofia Medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.530.
[36] Id., ibid., p.532.

uma Cruzada para resgatarem os lugares santos das mãos dos pagãos.[37] Terceiro, porque sua mística e espiritualidade foram bastante influentes nas gerações posteriores.

Poderíamos enumerar as muitas contribuições para a compreensão da união divina no pensamento de Catarina de Sena. Todavia, gostaríamos de citar apenas dois de seus pensamentos: conhecimento de si e de Deus e os graus da caridade.

Para Catarina de Sena, o cristão para crescer na vida espiritual deve chegar a entrar dentro de si mesmo, isto é, entrar na cela do seu coração: "Parece-me impossível que alguém adquira a virtude na plenitude da graça sem morar na cela do coração e da alma. Tal é o lugar onde podemos obter o tesouro da vida, o santo abismo do conhecimento de Deus e de si."[38] É unanimidade no ensinamento dos santos crescer no conhecimento de si e de Deus, mas esta é uma marca característica de Catarina de Sena. Tanto isso é verdade que Catarina a todo instante enumera os benefícios deste duplo conhecimento, a saber:

> Caríssimas irmãs, é desse conhecimento que nasce o santíssimo desprezo de si, capaz de nos unir à suprema, eterna e primeira Verdade, conscientes de que somos a máxima mentira e os operadores do nada. Com tal desprezo, conhecemos a bondade divina (...).[39]

Outra contribuição para a compreensão da união divina em Catarina, são os graus da caridade. Para esta Santa, existem três graus de caridade, isto é, caridade imperfeita, caridade perfeita e caridade perfeitíssima. No Diálogo com a Divina Providência, Catarina escuta este ensinamento de Deus Pai: "Um estado é imperfeito, o segundo mais perfeito, o terceiro perfeitíssimo; no primeiro o homem se comporta como servo assalariado, no segundo como servo fiel, no terceiro como filho, ou seja, como pessoa que me ama sem interesses pessoais."[40] Cada estado corresponde a um grau de caridade. Em outra passagem, Catarina reafirma sua ideia de progresso no amor: "Quanto afirmado constitui a maneira geral da vocação

---

[37] BASÍLIO, Frei João Alves. **Vida de Santa Catarina de Sena**. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 52.
[38] Catarina de SENA. **As Cartas**. 3.ed.São Paulo: Paulus, 2005. p. 28.
[39] Id., Ibid., p. 29.
[40] Catarina de Sena, 2007, p. 125.

ao amor. Começa-se pela imperfeição. Mas ocorre que haja passagem da imperfeição à perfeição no amor."[41]

Por conseguinte, notamos que para se chegar à união divina – no pensamento de Catarina – é necessário entrar na cela do coração, isto é, dentro de si mesmo e crescer no conhecimento próprio e no conhecimento de Deus. Também, o amor de um cristão para com Deus e para com o próximo pode ser amor imperfeito, perfeito e perfeitíssimo.

5. Na Idade Moderna

5.1. União com Deus em Teresa de Jesus

Provavelmente é uma das mais conhecidas místicas de todos os tempos e a mais influente. Sua mística é experiencial, pois não tinha muitos estudos. Apenas com sua experiência de oração pôde chegar a um conhecimento da vida espiritual que ainda hoje causa espanto e admiração. Também é conhecida por suas experiências sobrenaturais, visões, revelações, etc.

Mundialmente conhecida como doutora da oração, possui inúmeros textos e conselhos sobre os benefícios dessa arte. Dentre tantos, notamos que a oração ajuda na união da alma com Deus. A oração ajuda-nos a crescer na vida espiritual e a entrar no castelo da alma onde está Deus. Eis o pensamento de Santa Teresa: "A porta para entrar neste castelo é a oração, a meditação."[42] Ademais, Teresa fala de uma oração de recolhimento que nos prepara para não só escutar a Deus, mas nos unir a Ele. Teresa ensina:

> Esta oração traz consigo grandes efeitos (...). é um recolhimento que me parece sobrenatural. Não consiste em está a pessoa às escuras, nem em

---

[41] Id., Ibid., p.131.
[42] Teresa de Jesus, 2008, p. 23.

> cerrar os olhos, nem em coisa alguma exterior, embora sem querer, feche os olhos e busque solidão (...). a alma entra dentro de si mesma.[43]

Esta oração prepara a pessoa para a oração mística chamada de "oração de quietude". A alma sente um recolhimento que a chama ao seu interior e é esta busca de Deus no íntimo do coração que marca a espiritualidade de Teresa, como marcou a vida de Santo Agostinho, citado por ela em seu famoso livro intitulado *Castelo Interior ou Moradas.*[44] Ela entende que a oração tem vários graus ou estágios ascendentes. Para ela, são quatro os graus de oração tanto quanto é possível chegar a esta terra.

Além disso, Teresa de Jesus afirmou que a pessoa se torna santa não pelo simples fato de receber graças extraordinárias, mas sim por querer viver unido a Deus, com sua vontade unida ao Senhor. É a união da vontade humana com a divina que faz com que a união com Deus aconteça. Diz Teresa: "É indispensável que estejais unidas verdadeiramente com a vontade de Deus."[45]

Outra luz que Teresa traz para a mística, é que a vida espiritual deve crescer não só com oração, mas com caridade, porque é por meio dela que a pessoa se assemelha com Deus e se une com o Todo Poderoso. Teresa insiste muito neste ponto não só com suas irmãs de convento, mas também com muitos no tempo dela que pensavam que o progresso da via do espírito acontece só por intermédio de penitências, mortificações, vigília e muita oração. Teresa ensina: "Quanto a nós, só estas duas pede o Senhor: amor de Deus e amor do próximo (...) observância generosa da caridade fraterna."[46] Em outro lugar, é mais enfática:

> O Senhor quer obras. Se vês uma irmã enferma a quem podes dar algum alívio, não tenhas receio de perder a tua devoção e compadecer-te dela. E se lhe sobrevém alguma dor, doa-te como se a sentisses em ti. Se for preciso, faze jejum para lhe dar de comer (...). Havendo caridade, asseguro-vos: não deixaremos de alcançar de Sua Majestade a divina união.[47]

---

[43] Id., Ibid., p. 86.
[44] Id., Ibid., p. 87.
[45] Id., Ibid., p. 119.
[46] Id., Ibid., p. 120.
[47] Id., Ibid., p. 122-123.

Notamos em Teresa de Jesus uma reverência ao mistério de Deus. Diante da grandeza das graças que Deus derramava em seu coração e na vida das outras pessoas, ela simplesmente reconhecia a grandeza de Deus louvando-o ou a sua pequenez e indignidade por receber tais graças. Ao explicar tais ensinamentos a suas irmãs, Teresa se inclina para a chamada Teologia Apofática.[48] Diz Teresa:

> Ò irmãs, como vos poderei falar da riqueza, dos tesouros e deleites que há nestas quintas moradas? Creio que seria melhor nada dizer destas nem das que faltam. Não há quem saiba falar delas. O intelecto não é capaz de conhecê-las. As comparações não podem servir para explicá-las. As coisas da terra são muito baixas para tão alto fim.[49]

Portanto, a contribuição desta santa é enorme, mas não é nosso objetivo enumerar tudo que ela ensinou, mas apenas algumas noções a fim de evidenciarmos a sua visão de união divina. Teresa de Jesus junto com João da Cruz podem certamente ser considerados os místicos mais conhecidos que a modernidade nos doou.

5.2. União com Deus em João da Cruz

É talvez o maior místico de todos os tempos. É considerado a maior autoridade na área da mística, junto com Santa Teresa de Jesus. A Igreja o honrou com o título de "Doutor Místico" por causa da profundidade de sua doutrina em explicar não só o mistério cristão, mas a vida espiritual nos mais diversos aspectos. Escreveu ao longo de sua existência quatro livros, a saber: *Subida do Monte*

---

[48] É a postura segundo a qual a pessoa diante da grandeza de Deus fica calada ou em silêncio, ou melhor, a pessoa humana reconhece que Deus é infinitamente superior ao conceito que temos dele ou experimentamos dele. Dizem que de Deus se fala mais o que ele não é do que ele é em si mesmo. Na história da Igreja podemos perceber isso em Dionísio, o Areopagita; em Tomás de Aquino que ao ter uma grandíssima experiência divina não quis mais escrever e terminar sua obra mais importante, como a Suma Teológica ou também João da Cruz que nos últimos anos de sua breve existência não quis mais escrever nada daquilo que experimentava.

[49] Teresa de Jesus, 2008. p. 99.

Carmelo, Noite Escura, Cântico Espiritual e Chama viva de amor, além de outros tratados menores e muitíssimas cartas.

Sua contribuição maior deve-se a sua explicação e terminologia da purificação ascética que a alma atravessa para chegar a união com Deus. Enquanto muitíssimos santos chamavam esse estado de via purgativa ou purificativa, João da Cruz chamou-o de Noite Escura. E explica fundamentando seu pensamente em três motivos:

> A purificação que leva a alma à união com Deus pode receber a denominação de noite por três razões. A primeira, quanto ao ponto de partida, pois, renunciando a tudo o que possuía, a alma priva-se do apetite de todas as coisas do mundo, pela negação delas. Ora, isto, sem dúvida, constitui uma noite para todos os sentidos e todos os apetites do homem. A segunda razão, quanto à via a tomar para atingir o estado da união. Esta via é a fé, noite verdadeiramente escura para o entendimento. Enfim, a terceira razão se refere ao termo ao qual a alma se destina, -- termo que é Deus, (ser incompreensível e infinitamente acima das nossas faculdades) e que, por isso mesmo, pode ser denominado uma noite escura para a alma nesta vida. Estas três noites há de passar a alma a fim de chegar à divina união.[50]

Outra contribuição de João da Cruz, foi a maneira como explicou a caminhada para a divina união. Ele é um verdadeiro pedagogo espiritual que leva o leitor pela mão e o conduz para os braços de Deus. A pessoa tem que deixar tudo e se desapegar de tudo que não é Deus, isto é, pecados e maus hábitos. Diz João da Cruz: "Só se deve alegrar o homem no que contribui para o serviço, honra e glória de Deus, dirigindo tudo para este fim único, e fugindo de todas as vaidades."[51] Este é um dos princípios fundamentais que a pessoa deve fazer para crescer na vida espiritual. É uma condição necessária sem a qual não se avança na vida do espírito.

Ao longo de seus escritos, ele evidencia os benefícios de deixar tudo por Deus para se unir a Ele. As faculdades da alma são transformadas em divinas e celestiais. A inteligência recebe altíssima luz e é divinizada, entrando no estado de perfeição; a vontade e a memória também são divinizadas.[52] Os apetites, afeições e

---

[50] João da Cruz, 2002, p. 143.
[51] Id., Ibid., p. 372.
[52] Id., Ibid., p. 511.

paixões da alma ficam com a união divina adormecidos, mortificados e extintos.[53] A pessoa também alcança verdadeira liberdade e riqueza e bens inestimáveis, sendo o maior deles o perfeito amor.[54]

6. Em nossos dias

6.1. União divina em Faustina

É a santa polonesa mais conhecida mundialmente, não só por causa de sua devoção à Divina Misericórdia, mas também devido a seus ensinamentos ser uma fonte segura de espiritualidade para muitos cristãos.[55] Deus a escolheu para manifestar sua misericórdia ao nosso mundo contemporâneo. Santa Faustina empregou todas as suas forças e energias para propagar uma imagem de um Deus apaixonado pela humanidade e que Ele quer usar de misericórdia para esta sociedade pecadora e corrompida. Graças a Faustina, a Igreja celebra a Festa da Misericórdia Divina no segundo domingo da Páscoa, venera a hora da misericórdia às três horas da tarde e a imagem, reza o terço da misericórdia, novena, ladainha, etc. Por conta disso, ela é chamada de "Apóstola da Divina Misericórdia."[56] Contudo, dentre tantas coisas que podemos destacar na espiritualidade desta santa, evidenciaremos apenas seu ensinamento sobre como a pessoa pode se unir mais a Deus pela santa comunhão e pelo cumprimento da vontade de Deus.

A adoração e a santa comunhão diária são as marcas características de santa Faustina. Para ela, é a comunhão o momento mais importante de sua vida, pois é neste momento que podia se unir a Deus e tê-lo no seu coração.[57] A pessoa recebe Jesus Eucarístico não por merecimento, mas por pura misericórdia divina. É o bom Deus que deseja unir-se a nós. Logo, a comunhão eucarística é uma forma

---

[53] Id., Ibid., p. 535.
[54] Id., Ibid., p. 534.
[55] É o que explica o Cardeal Andrzej Maria Deskur (+) no prefácio a terceira edição do Diário de Santa Faustina. Segundo o Cardeal Andrzej, a mensagem de Faustina muito contribui para a formação da piedade dos fiéis.
[56] O culto a Misericórdia de Deus na forma como é descrita por Faustina espalhou-se não só na Polônia, mas em todos os continentes, inclusive no Extremo Oriente.
[57] KOWALSKA, Faustina. **Diário**: A misericórdia divina na minha alma. 40.ed. Curitiba: Mãe da Misericórdia, 2012. p. 456.

esplêndida, senão imediata, de nos unirmos a Deus. Faustina tem clara consciência disso ao afirmar:

> No momento em que recebo a Deus, todo o meu ser submerge n'Ele (...). Hoje quero unir-me a Jesus na Santa comunhão o mais estreitamente possível pelo amor. Tão ardentemente desejo a Deus que me parece que não serei capaz de chegar ao momento em que o sacerdote me dará a Santa Comunhão (...). Uno-me com Deus como uma criança com o Pai.[58]

Faustina chega a explicar que esta graça de receber a Deus no coração é motivo de certa inveja dos anjos para conosco, porque eles não têm essa graça que nós temos.[59] Comungar o corpo e sangue de Cristo é uma dádiva de misericórdia, conforme Faustina.

A seguir, Faustina ensina também que para progredirmos na vida espiritual e chegar a ser uma só coisa com Deus pelo amor, temos que cumprir perfeitamente a sua vontade, isto é, conformar em tudo a nossa vontade com a de Deus. Querer o que Deus quer e aceitar o que Ele pedir, é a máxima que a pessoa deve viver para desfrutar dos inestimáveis bens da divina união. Quando Deus pediu que Faustina renunciasse por completo sua vontade, negasse a si mesma e se entregasse como "vítima" a Ele, Faustina numa oração tomou uma decisão de ser toda de Deus:

> Sentia que Deus estava aguardando a minha palavra, o meu consentimento. Então, o meu espírito mergulhou no Senhor e eu disse: "Fazei de mim o que Vos aprouver, submeto-me à Vossa vontade. A Vossa santa vontade de hoje em diante será o meu alimento (...). Nesse momento, quando consenti nessa sacrifício de toda a minha vontade e coração, a presença de Deus me penetrou toda. A minha alma mergulhou em Deus e foi inundada de tanta felicidade que nem em parte posso descrevê-la. Sentia que Sua Majestade me envolvia. Uni-me com Deus de uma maneira estranha. Via o grande agrado que Deus tem por mim e o meu espírito por sua vez mergulhou n'Ele. Consciente dessa união com Deus, sinto que sou amada de maneira especial e eu, da minha parte, estou amando com toda a força da minha alma.[60]

---

[58] Id., Ibid., p.458.
[59] Id., Ibid., p. 456.
[60] Idem.

Claro que esta experiência foi algo particular e extraordinário, porém, é a renúncia da nossa vontade para abraçar a vontade de Deus – com todas as suas consequências – que é condição essencial para a divina união. Podemos notar isso ao longo de todo o diário de Santa Faustina. A vontade de Deus é um tema dominante e de destaque no seu diário.

6.2. União divina em Pe. Pio

Assim é conhecido o santo de Pietrelcina: Pe. Pio. Atualmente, no catolicismo, este santo é mundialmente venerado por causa do fenômeno dos estigmas[61] que ele possuía. Se são Francisco foi o primeiro na história da Igreja a ter os estigmas, Pe. Pio foi o último e o primeiro sacerdote estigmatizado. Sua vida é marcada por inúmeros fenômenos místicos, a saber: estigmas, bilocação, perscrutação do coração e da mente, êxtases, milagres, etc.

Uma das contribuições deste santo para o crescimento da vida espiritual é acerca do sofrimento. Para Pe. Pio, se devemos nos unir a Deus nesta vida, então devemos nos unir a Paixão de Cristo, ao Cristo crucificado. Nesse sentido, o sofrimento é redentor e santificador, o meio pelo qual perseveraremos em Deus. Assim ele se expressa: "Sei, pela própria experiência, que o verdadeiro remédio para não cair é apoiar-se na cruz de Jesus, com confiança somente nele, que pela nossa salvação quis ser crucificado."[62] Ou em uma de suas cartas enviadas ao seu diretor espiritual, ele confidenciava: "Sei muito bem que a cruz é o penhor do amor, a cruz é sinal de perdão, e o amor que não é alimentado, nutrido pela cruz, não é verdadeiro amor; reduz-se a fogo de palha."[63] Pe. Pio em suas experiências sobrenaturais ouvia muitas vezes Jesus convidá-lo a sofrer. A título de exemplo podemos citar uma delas: "Sob a cruz aprende-se a amar; eu não a dou a todos,

---

[61] Os estigmas são marcas ou chagas visíveis que a pessoa recebe nas mãos, pés e no peito, a semelhança com Jesus Crucificado. Entretanto, há também santos que receberam os estigmas invisíveis como Cataria de Sena, Faustina etc.

[62] PASQUALE, Gianluigi. **Padre Pio:** as cartas do santo de Pietrelcina. São Paulo: Paulinas, 2006. p.84

[63] Id., Ibid., p. 102.

mas somente às almas que me são mais queridas."[64] Por conseguinte, a espiritualidade deste santo franciscano gira em torno da Paixão de Cristo.

Outra característica na vida de São Pio de Pietrelcina, é a presença de praticamente todos os fenômenos místicos. Nem todos os santos tiveram experiências místicas e os que tiveram, não experimentam todos os fenômenos sobrenaturais como Pe. Pio. Este santo franciscano tinha constantemente êxtases, consolos divinos, arroubos, visões celestes, locuções interiores, toques divinos, milagres; até os mais raros como a bilocação[65], estigmas, perscrutação do coração[66], tentações nas quais Pe. Pio apanhava fisicamente do demônio, isto é, frequentemente o demônio batia no corpo deste santo. Pe. Pio relata esta experiência a seu diretor espiritual:

> Jesus não cessa de permitir que eu seja afligido por aquelas horríveis bofetadas. Há 22 dias contínuos, Jesus permite que eles desafoguem sua ira sobre mim. O meu corpo, meu pai, está todo machucado pelas muitas surras que levou até agora das mãos dos nossos inimigos.[67]

Devemos observar que o recebimento destas graças místicas não é condição necessária para uma pessoa se unir a Deus. São puras dádivas do Pai do céu que gosta de dar seus dons e carismas conforme quer, quando quer e a quem quer. Teresa de Jesus já evidenciou isso quando disse que nem todos os santos recebiam estas mercês de Deus. E muitas pessoas que recebiam tais graças nem santas eram.[68]

---

[64] Id., Ibid., p. 62.
[65] Bilocação é o fenômeno sobrenatural de a pessoa está em dois lugares ao mesmo tempo. Podemos citar alguns santos que tiveram esta graça como Santo Antônio, Santo Ambrósio, Santo Afonso de Ligório etc.
[66] Perscrutação do coração é a capacidade espiritual de a pessoa saber o que se passa no coração dos outros. Até os pensamentos, detalhes da vida passada podem ser conhecidos.
[67] Gianluigi Pasquale, 2006, p. 61.
[68] Teresa de Jesus, 2008, p. 210.

CAPÍTULO II

BENEFÍCIOS DA UNIÃO COM DEUS

1. União com Deus: deificação

De todas as graças enumeradas pelos autores espirituais, a deificação[1] talvez seja a mais difícil de ser compreendida. Para entendermos esse fenômeno espiritual, devemos ir às fontes bíblicas.

O livro do Gênesis relata que Adão e Eva, nossos primeiros pais, cometeram um pecado porque queriam ser como "deuses."[2] Entretanto, resta-nos fazer um esclarecimento sobre este ponto. O pecado não é querer ser uma pessoa divinizada, mas sim em querer ser "Deus", isto é, com o direito de reger sua vida por conta própria, ter o conhecimento e o domínio de tudo. Nisto consiste o pecado das origens, pois o ser humano não quis aceitar sua condição de criatura, ele quis ser o criador também.

O homem preferiu mais a si que a Deus. Deus já o tinha elevado a uma condição muito superior a qualquer outro animal, porque só a pessoa humana foi

---

[1] É o fenômeno místico em que a pessoa é divinizada e se torna "Deus por participação". Os Padres da Igreja Oriental preferiam esta expressão, já os Padres da Igreja Latina utilizavam mais a palavra *santificação* como etapa final do crescimento espiritual do cristão.

[2] Cf. Gn 3, 5.

criada a imagem e semelhança de Deus.[3] São Máximo Confessor[4] (apud Catecismo, 2000, p. 113) nos explica que o ser humano, tentado pelo Satanás, "quis ser como Deus, mas sem Deus, e antepondo-se,a Deus, e não segundo Deus".

A divinização não é doutrina estranha para a Igreja Católica. É bem verdade que hoje dificilmente se fala nesta experiência espiritual, por várias razões que não cabem a nós tratar. Contudo, já no Catecismo da Igreja percebemos que o processo de divinização é algo natural e não loucura ou invenção dos místicos. Diz a Igreja em sua doutrina: "Constituído em um estado de santidade, o homem estava destinado a ser plenamente divinizado por Deus na glória."[5] Além disso, a Gaudium et Spes afirma: "A vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina."[6]

Por fim, depois de sabermos como a Escritura e a Igreja tratam da divinização, resta-nos ver como São João da Cruz aborda essa temática. Em vários lugares, explica a deificação como último grau ou o mais alto que uma pessoa pode chegar nesta vida. Diz ele:

> O décimo e o último degrau desta escada secreta de amor faz a alma assimilar-se totalmente a Deus, em virtude da clara visão de Deus que a alma possui imediatamente (...). De fato, os que chegam até aí, -- e são poucos, -- como estão perfeitamente purificados pelo amor, não passam no purgatório. E, como dissemos, esta visão é a causa da total semelhança da alma com Deus. Assim declara São João: "Sabemos que seremos semelhantes a Ele" (1 Jo 3, 2). Não significa que a alma terá a mesma capacidade de Deus, pois isto é impossível; mas que todo o ser se fará semelhante a Deus, e deste modo poderá chamar-se, e na realidade será, Deus por participação.[7]

Na mística de João da Cruz, este pensamento de se tornar "Deus por participação" é quase central em seus escritos. Constantemente ele aborda isso. João chega até mesmo a afirmar categoricamente que é vontade de Deus tornar-nos divinos, ou Deus por participação. Diz o doutor místico: "(...) O amor sempre penetra

---

[3] Cf. Gn 1, 26-27.
[4] CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 398.
[5] Idem.
[6] GS 22.
[7] João da Cruz, 2002, p. 556.

mais na alma, endeusando-a com sua íntima substância e tornando-a divina e nisto é absorvida, sobre todo ser criado, pelo Ser de Deus."[8] Não é ser igual a Deus, é participar da divindade de Deus e da natureza divina, como falou São Pedro.[9] É nesta passagem da Sagrada Escritura que os Padres da Igreja, especialmente os Padres orientais, fundamentaram a doutrina da "deificação".

Portanto, João da Cruz está perfeitamente de acordo com a Bíblia e com a Tradição da Igreja ao abordar e recomendar as pessoas a buscarem ser "Deus por participação", isto é, a recuperarem em suas vidas a graça e a santidade original perdida pelos primeiros pais, Adão e Eva. Porém, concordamos com a tese segundo a qual os bens que Jesus nos trouxe são muito maiores que os primeiros da criação. Assim pensam São Tomás e São Leão Magno. Estes pensadores cristãos confirmam o ensinamento de que Deus permite que os males aconteçam para tirar deles um bem maior.[10] Leão Magno[11] (apud CATECISMO, 2000, p. 117) ensinou: "A graça inefável de Cristo deu-nos bens maiores do que aqueles que a inveja do demônio nos havia subtraído".

2. A união com Deus recupera a semelhança divina

De início, devemos lembrar que a Sagrada Escritura relata que Deus criou o homem a sua imagem e semelhança.[12] A Este estado de criação, a Tradição e o Magistério da Igreja chamaram-no de santidade e justiça original. Nos primórdios da criação, a pessoa humana vivia em comunhão plena com o Criador e participava da divindade de Deus. O homem e a mulher viviam em perfeita harmonia entre si e com toda a criação. Diz a Igreja:

> (...) Nossos primeiros pais, Adão e Eva, foram constituídos em um estado de santidade e justiça original. Esta graça da santidade original era uma participação da vida divina. Pela irradiação da graça, todas as dimensões

---

[8] João da Cruz, 1999, p.49.
[9] Cf. 2 Pd 1, 4.
[10] Gn 50, 20.
[11] CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 412.
[12] Cf. Gn 1, 26.

> da vida do homem eram fortalecidas. Enquanto permanecessem na intimidade divina, o homem não devia nem morrer nem sofrer (...). O homem estava intacto e ordenado em todo o seu ser (...).[13]

Com o aparecimento do pecado, por causa da desobediência dos primeiros pais, o ser humano perdeu a semelhança divina, mas não a imagem. Aliás, existe uma diferença entre imagem e semelhança. Imagem é algo estático, semelhança é algo dinâmico. A pessoa se parece com Deus, é imagem dele por ter uma inteligência, uma memória e uma vontade. Assim Deus Pai explicou a santa Catarina de Sena: "Ao criar o homem à minha imagem e semelhança, dei-lhe a memória, a inteligência e a vontade. Entre elas, a mais nobre é a inteligência."[14]

Com o auxílio da graça de Deus, por meio de Jesus Cristo, a pessoa recupera a semelhança divina, volta ao estado de perfeição e torna-se divina novamente, embora essa divinização será plena na eternidade quando Deus será tudo em todos.[15] Essa doutrina da recuperação da semelhança divina encontramos tantos nos Santos Padres como, por exemplo, em Basílio de Cesaréia como nos místicos, João da Cruz. Eis como relata o místico carmelitano:

> Quando falamos de união da alma com Deus, não nos referimos à união substancial sempre permanente, mas à união e transformação da alma em Deus por amor, só realizada quando há semelhança de amor entre o Criador e a criatura. Por esse motivo, dar-lhe-emos o nome de união de semelhança, assim como a outra se chama união essencial ou substancial. Esta é natural; aquela é sobrenatural (...). Rejeitando tudo o que se opõe a Deus e lhe é dessemelhante, torne-se apta a receber a semelhança divina.[16]

Basílio de Cesaréia, chamado de Magno, fez uma diferença entre a imagem e semelhança com Deus. A imagem é algo extático, a semelhança é algo dinâmico. Depende de nós nos assemelharmos com Deus. Conforme Basílio, Deus nos dotou de uma capacidade de nos assemelharmos a Ele em nossa existência. Assim comenta este Padre da Igreja:

---

[13] CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 376-377.
[14] Catarina de SENA, 2007, p. 117.
[15] Cf. 1 Cor 13,10.12; 15, 28.
[16] João da CRUZ, 2002, p. 196.

> "Façâmos o homem à nossa imagem e à nossa semelhança" (Gn 1, 26). A primeira, nós a temos devido à nossa criação; a segunda, nós a adquirimos pela vontade. Em nossa primeira formação nos foi dado nascer à imagem de Deus; pela vontade torna-se em nós o ser à semelhança de Deus. Agora, contudo, fez-nos com a capacidade de nos assemelharmos a Deus. Dando-nos a capacidade de nos assemelhar-nos a Deus, possibilitou-nos sermos os artífices da semelhança com Deus (...). Se perdoas ao inimigo de coração, assemelhas-te a Deus. Se como Deus age, para contigo, pecador, assim ages relativamente ao irmão que te ofendeu, assemelhas-te a Deus pela misericórdia para com o próximo. Deste modo, se ages racionalmente, tens a imagem de Deus, mas, assumindo a bondade, tens a semelhança.[17]

Contudo, quando tratamos do pecado acima, não pretendemos destacá-lo como se fosse o centro de nossa reflexão. Nosso pensamento não se limita ao pecado, pois ele não é e nem deve ser o foco da reflexão teológica. A teologia deve tratar do mistério de Cristo num todo. Logo, a salvação e a divinização devem ser destacadas também, não só o pecado. Cristo não se encarnou apenas para nos salvar dos pecados, mas para que levasse sua obra de criação até o fim, para nos revelar ainda mais a glória e o amor de Deus.

A Igreja em sua doutrina, especialmente no seu catecismo, contempla as duas posições teológicas que constantemente entraram em conflito ao longo da história. A Igreja, ao explicar o motivo da Encarnação, ensina que o Verbo se fez carne para nos reconciliar com Deus, para que conhecêssemos o amor de Deus, para ser nosso modelo de santidade e para torna-nos participantes da natureza divina.[18]

Em suma, mesmo que o pecado tenha causado enormes males ao ser humano, este pode se quiser, com o auxílio da graça de Deus, voltar ao estado de semelhança divina e participar da divindade de Deus, já aqui na terra. Mas na outra vida esta participação será plena e perfeita.

---

[17] Basílio de CESARÉIA. **Tratado sobre o Espírito Santo**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 56-57.
[18] Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 457-460.

3. União com Deus: estado de perfeição e de inúmeras virtudes

A vida espiritual sempre foi tratada na história mística por meio de etapas, subdivididas em três estágios ou vias: principiantes, adiantados e perfeitos. A união com Deus constitui o estágio mais alto e maior que uma pessoa pode atingir nesta terra, conforme João da Cruz.[19]

A primeira via corresponde aos iniciantes. Esse estado é o dos que estão no grau da meditação, da reflexão. Estão no início da vida espiritual, por mais que orem muito, façam penitência, jejum e estejam no caminho da virtude. Os místicos explicaram que as pessoas que aqui permanecem mais se assemelham a crianças, por praticarem atos de virtudes pequenas e fracas:

> (...) Não estando ainda habituadas por exercícios de forte luta nas virtudes, daí lhes vem, em todas as suas obras espirituais, muitas faltas e imperfeições (...). Estes principiantes não puderam ainda adquirir hábitos fortes, necessariamente hão de obrar fracamente, quais meninos fracos. E para que, com mais clareza, apareça esta verdade e se veja quão faltos estão os principiantes em matéria de virtudes, nas coisas que fazem com facilidade, levados pelo gosto, iremos notando, pelos setes vícios capitais, algumas das muitas imperfeições em que caem. Conhecer-se-á então claramente como as suas obras são de pequeninos.[20]

Contudo, quando João da Cruz fala da união divina, que ele diz ser o estado de perfeição, a pessoa torna-se grande, fazendo grandes obras: "Em chegando a ela tornam-se grandes, operando coisas magníficas em seu espírito, sendo suas obras e potências mais divinas que humanas."[21]

Portanto, notamos que existe uma grande diferença entre aqueles que são principiantes e os que são perfeitos na vida espiritual. Também os místicos dizem que o amor dos perfeitos é amor puro e amor perfeito, pois a pessoa ama com perfeição a Deus e ao próximo. Por consequência, as virtudes que esta alma adquire também são virtudes perfeitas e fortes.

---

[19] João da CRUZ, 2002, p. 599.
[20] Id., Ibid., p. 442.
[21] Id., Ibid., p. 491.

4. União com Deus: perfeição da caridade

Devemos compreender o crescimento da caridade semelhante ao progresso da vida espiritual, pois à medida que progredimos ou regredimos na espiritualidade, crescemos ou regredimos na caridade.

Conforme os místicos, a caridade tem etapas. Ela pode ser tanto imperfeita como perfeita. E há santos que dizem que ela pode ser até perfeitíssima[22]. Diz Catarina: "Um estado é imperfeito, o segundo mais perfeito, o terceiro perfeitíssimo; no primeiro o homem se comporta com servo assalariado, no segundo como servo fiel, no terceiro como filho."[23]

Contudo, cabe-nos notar que uma pessoa que ainda não chegou à união com Deus certamente tem um amor imperfeito, pois imperfeito é seu modo de tratar e amar a Deus e ao próximo. Esse é o critério de discernimento. Essa é a opinião de João da Cruz. Entretanto, quando uma pessoa chega ao estado da perfeição, que são João da Cruz afirma ser o da união divina, ela chega a ter hábitos de perfeição. Logo, como a caridade é uma virtude e hábito, consequentemente, a pessoa terá o hábito de amar a Deus e ao próximo com perfeição.

Além disso, João da Cruz também afirma que a pessoa não só amará perfeitamente, mas até divinamente. A pessoa ao entrar no estado sobrenatural da divina união, com as graças sobrenaturais, amará sobrenaturalmente. Diz João da Cruz: "A penetração da vontade pelo amor divino, de modo que ao tornar-se nada menos que vontade divina, não amando senão divinamente, transformada e unida com a divina vontade e o divino amor."[24] Não obstante, este santo carmelita evidencia que as três faculdades da alma, isto é, inteligência, memória e vontade são divinizadas.

A alma torna-se um ser que a partir da união sobrenatural vai agir de modo divino e elevado. Por isso, a capacidade de amar se eleva, chega à perfeição, como podemos perceber em outra passagem: "Minha vontade saiu de si, tornando-se

---

[22] Santa Catarina de Sena diz expressamente que podemos ter um amor imperfeito, perfeito e perfeitíssimo para com Deus e para com o próximo.
[23] Catarina de SENA, 2007, p.125.
[24] João da CRUZ, 2002, p. 532.

divina; unida agora com o divino amor, já não ama humildemente com sua força natural e sim com a força e pureza do Espírito Santo, não mais agindo de modo humano nas coisas de Deus."[25]

Outra característica da divina união é a pessoa se tornar um ser novo, um homem ou mulher nova, conforme o apóstolo Paulo.[26] Quem está unido a Deus é de fato um homem novo; quem não está unido a Deus ainda é um homem velho, segundo o doutor místico São João da Cruz.[27]

Portanto, existe uma realidade de dupla compreensão na vida mística. Quem ainda não chegou à vida de união com Deus tem um amor imperfeito e ama com um amor natural. Contudo, quem já chegou a se desapegar de tudo e tudo abandonar por Deus e alcançou a graça da união mística, tem um amor perfeito e ama sobrenaturalmente.

5. União com Deus: plenitude do Espírito Santo, plenitude de dons e graças

Dentre inúmeros benefícios que a união divina produz na alma e no coração de cada crente, há o de ser preenchido pelo com o Espírito Santo. Podemos fundamentar isso na Sagrada Escritura e depois na experiência mística cristã.

Nas Sagradas Escrituras, estão relatadas as condições para que uma pessoa possa receber o Espírito Santo, como pedir e suplicar ao Pai do céu o Espírito Santo.[28] Depois, a outra condição é a obediência. Quem obedece aos decretos de Deus será recompensado e abençoado com o Espírito Santo.[29] Também o Apóstolo Paulo recomenda que em vez de os irmãos quererem viver em prazeres, estes deveriam procurar a plenitude do Espírito.[30]

---

[25] Id., Ibid., p.493.
[26] Cf. Ef 4, 23.
[27] João da CRUZ, 2002, p.537.
[28] Cf. Lc 11, 13.
[29] Cf. At 5, 32.
[30] Cf. Ef 5, 18.

João da Cruz no seu livro *Subida do Monte Carmelo* também explica isso. Para ele, uma pessoa que realmente purificou seu coração e se desapegou de tudo, cresceu na graça de Deus, está com condições para a plenitude do Espírito.[31] Não há graça maior do que ser totalmente guiado pelo Espírito Santo. Ter a plenitude do Espírito equivale a ser divinamente guiado por ele:

> As operações das almas, unidas a Deus, são do Espírito divino e, por isso mesmo, divinas. Desde logo as suas obras são marcadas pelo cunho da razão, e da conveniência perfeita. O Espírito de Deus lhes faz saber ou ignorar o que convém conhecer ou ignorar; recordar com formas ou sem elas, ou esquecer, o que deve; dar afeição ao que merece amor, e não amar o que não é em Deus (...). nessas almas, todos os primeiros movimentos e operações das potências são divinos, pois se acham transformados em ser divino.[32]

Por conseguinte, o Espírito Santo enriquece a alma de muitas graças, virtudes e dons na divina união.[33] A pessoa também fica cheia dos frutos do Espírito.[34] Está unido a Deus é uma disposição para o enriquecimento espiritual.

6. União divina: destruição do amor egoísta

Um dos frutos negativos do pecado original é o fato da pessoa humana ter perdido o amor perfeito e desinteressado que tinha e adquirido um amor egoísta e interesseiro. Por mais virtuosa que seja uma pessoa, ela também carrega em sua natureza ferida pelo pecado essa tendência ou inclinação interesseira. O egoísmo feriu a natureza humana de tal forma que todos têm esse mal. Assim, todo ser humano em suas ações – a princípio – terá uma inclinação interesseira nos seus relacionamentos, seja para com Deus, seja para com o próximo.

Nas revelações particulares[35], muitos santos compreenderam certos mistérios revelados a eles. Podemos citar as revelações sobrenaturais de Santa Catarina de

---

[31] João da CRUZ, 2002. p.157.
[32] Id., Ibid., p.331.
[33] Id., Ibid., p. 686.
[34] Id., Ibid., p. 481.

Sena. Em seu livro chamado *O Diálogo*, Deus Pai explica inúmeros mistérios referente à Igreja e à humanidade, mostrando a Catarina de Sena como age sua Providência. Dentre tantos assuntos, assim Deus explica o mal do egoísmo na vida do ser humano:

> O egoísmo destrói no homem a caridade devida a mim e aos outros. É tal o egoísmo que gera uma após o outro, os pecados contra o próximo (...). O egoísmo é a negação do amor pelo próximo, constitui-se como razão e fundamento de todo o mal. Ele é a raiz dos escândalos, do ódio, da maldade, dos prejuízos causados aos outros. O egoísmo envenenou o mundo inteiro e fez adoecer a hierarquia da Igreja e o povo cristão.[36]

Todavia, essa pessoa tem que destruir as raízes do egoísmo do coração com desapego de si, com a renúncia da vontade própria ou renúncia do amor próprio.[37] Cumprida essa condição, rápido se chega a ser um com Deus. Mas não basta só a renúncia de si por completo; em seguida, a pessoa tem que conformar sua vontade a de Deus. Fazer o que Deus quer que faça.

Contudo, uma das grandes graças que a pessoa recebe e adquire na união divina é ter um amor desinteressado, isto é, perfeito como já dissemos anteriormente. A partir da união, a pessoa amará a Deus e ao próximo sem interesse, pois já renunciou sua vontade própria e a si mesmo. Esta pessoa será guiada por um impulso de amor sobrenatural e puro, e viverá altruisticamente. É o estado das ações sobrenaturais e divinas. A pessoa é totalmente guiada e conduzida por Deus. Assim diz João:

> (...) Suas potencias e inclinações serão transformadas em divinas e celestiais (...). Privadas, purificadas e aniquiladas essas potências e

---

[35] Fala-se de revelações privadas porque a única revelação pública foi a de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nele, Deus revelou tudo o que tinha a revelar para nossa salvação. Já as revelações privadas geralmente são aparições ou revelações feitas a algum santo ou místico aprovadas pela Igreja. Mas mesmo assim, ninguém está obrigado a acreditar em tais revelações, pois pertencem a piedade e devoção particular. O cristão só está obrigado a acreditar com fé nas Revelações que Jesus de Nazaré fez de Deus Pai.

[36] Catarina de SENA, 2007. p.37.

[37] Id., Ibid., p. 137.

> afeições, em suas primeiras disposições, hão de perder aquele modo baixo e humano de agir e obrar para chegarem (...) ao modo elevado e sublime.[38]

O amor desinteressado a Deus e ao próximo é o fruto mais evidente para saber se a pessoa de fato renunciou a sim mesma por completo e uniu sua vontade a vontade de Deus perfeitamente, pois esta é a condição para ser chegar a união divina, ou seja, unir nossa vontade a vontade de Deus.

[38] João da Cruz, 2002, p. 537.

CAPÍTULO III

RELAÇÃO ENTRE UNIÃO COM DEUS E BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

1. Haverá relação?

Introduzimos este capítulo a partir do seguinte questionamento: haverá relação entre a união com Deus e o batismo no Espírito Santo? Poderemos responder destacando três pontos: são graças divinas sem merecimento humano, uma destas graças é maior do que a outra e existe uma diferença fundamental entre ambas.

Tudo o que recebemos de Deus é pura graça, dom.[1] Deus em sua bondade distribui inúmeros favores para enriquecer e santificar os seres humanos, que são seus filhos. Dentre tantas graças do céu, está a graça da união divina e o batismo no Espírito Santo. Tanto uma como outra não são fruto do esforço humano ou merecimento das pessoas. Percebemos isso em João da Cruz, pois para ele a graça da divina união é pura graça de Deus. Por mais penitência que se faça não se chega à união com Deus sem que Ele eleve a pessoa a este estado. É Deus quem generosamente concede estas e outras graças a seus servos e filhos. Portanto, existe sim uma relação entre estas graças enumeradas acima, porque elas são dons de Deus, e não resultado do esforço do homem.

---

[1] Cf. Tg 1, 17.

Existe certa hierarquia das graças derramadas por Deus nos corações dos homens. Vários autores já trataram disso em seus livros. Santa Teresa explica que existe até uma hierarquia progressiva nas graças místicas.[2] O batismo no Espírito Santo é uma experiência forte que marca a vida daqueles que o recebem. Entretanto, a oração de união com Deus é uma das maiores que uma pessoa pode receber nesta vida. Por conseguinte, devemos não nos contentar só em receber o batismo no Espírito. Ele é uma graça de renovar a nossa vida, dar novo vigor. Mas é sobretudo a união com Deus que nos transforma no mais profundo do ser e nos diviniza.

A diferença fundamental consiste em que uma é graça inicial e a outra é graça final. O batismo no Espírito Santo, na opinião dos doutores, é uma graça dada no início da vida espiritual para tornar a pessoa mais fervorosa e renovar a graça da iniciação cristã.[3] Já a união com Deus é a meta e o fim para o qual tende a santidade e a perfeição, isto é, ser um com o divino. João da Cruz foi muito claro ao explicar que a união com Deus é o mais alto estado que se pode chegar nessa vida, pois é um estado em que a pessoa é divinizada por Deus. Eis o que ele diz: "

Assim explica Raniero Cantalamessa:

> O batismo no Espírito não é, portanto, o fim ou o "non plus ultra" da santidade; pelo contrário, ele entra no âmbito do que os doutores chamam "as graças iniciais". Ajuda a ser "fervorosos no espírito (Rm 12, 11), isto é, a entrar no estado em que se realizam as ações no serviço de Deus "com solicitude, constância e com alegria"[4].

Portanto, percebemos que existe sim uma relação entre a união com Deus e o batismo no Espírito Santo. Ambas são graças que muitas pessoas recebem e que são dádivas do céu. Não devem ser rejeitadas.

---

[2] Santa Teresa de Jesus em seu livro "O livro da Vida", diz que existem quatro graus de oração. No primeiro grau, está as graças dos principiantes que são as consolações; no segundo grau, está a graça da oração de quietude; no terceiro grau, está a graça da união com Deus; no quarto e último grau, está à graça dos êxtases, arroubos.

[3] CANTALAMESSA, Raniero. **Ungidos pelo Espírito**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1996. p.145.

[4] Idem

2. Batismo no Espírito Santo: fundamento na Escritura

Atualmente, em alguns lugares, por exemplo, no Brasil, a expressão *batismo no Espírito Santo* causa uma verdadeira confusão, pois se assemelha com o batismo como sacramento. Há até críticas sobre a utilização desta terminologia. Porém, vamos observar se na Escritura esta expressão aparece e em que sentido ela é empregada.

A expressão batizar no Espírito já aparece na pregação de João Batista. Este dizia que o Messias viria e batizaria as pessoas no Espírito Santo.[5] Também Nosso Senhor Jesus Cristo prometeu o batismo no Espírito Santo aos seus apóstolos.[6] Portanto, esta expressão tem origem na Sagrada Escritura e não foi inventada por nenhuma espiritualidade ou pessoa particular. Ao longo da história, até santos a utilizaram, como Catarina de Sena. Eis o que ela diz em oração a Jesus Cristo:

> Quando partiste deste mundo, não nos deixastes órfãos, mas deixaste conosco o teu Representante. Ele nos dá batismo no Espírito Santo. Não uma única vez, quando somos lavados na água batismal, mas nos limpa sempre pelo seu santo poder e nos purifica dos pecados.[7]

Mas, sobretudo atualmente, devido às novas e fortes experiências com o Espírito Santo muito se fala no batismo no Espírito Santo. Nenhum cristão deveria estranhar tal expressão. Ninguém.

3. Batismo no Espírito Santo é diferente de batizar com água?

De fato, existe uma relação entre o batismo no Espírito Santo e o batismo sacramento, a começar pelo próprio nome. Antes de tudo, devemos compreender a diferença bíblica entre os dois tipos de batismo; em seguida, os elementos comuns.

---

[5] Mt 3, 11; Jo 1, 33.
[6] At 1, 5.
[7] Catarina de SENA. **As orações.** 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002. p.18.

Em primeiro lugar, a expressão batizar no Espírito Santo serve para distinguir o batismo de Jesus Cristo do batismo de João. É o que explica o teólogo e pregador da casa pontifícia Frei Raniero Cantalamessa:

> A expressão não serve só para distinguir o batismo de Jesus do batismo de João; ela serve para distinguir toda a pessoa e a obra de Cristo das do Precursor. Em outras palavras, em toda a sua obra, Jesus é "aquele que batiza no Espírito Santo". Batizar tem aqui um significado metafórico que quer dizer inundar, recobrir, tal como faz a água com os corpos. Jesus "batiza" no Espírito Santo no sentido de que "dá o Espírito sem medida" e "infunde" o seu Espírito (At 2, 33) sobre toda a humanidade redimida.[8]

É comum a difícil compreensão da terminologia batizar no Espírito Santo pelo fato de ela aparecer várias vezes na Sagrada Escritura em contextos diversos. Em alguns casos, batizar com água e batizar no Espírito aparecem juntas com o mesmo sentido; em outros casos, aparecem em contraposição. Esta é a opinião de um grande especialista da iniciação cristã, Ignacio Oñatibia.[9] Notemos que é o mesmo pensamento o de Raniero e o de Ignacio. Não obstante, conforme este autor, em todas essas passagens afirma-se uma oposição entre batismo de João e batismo de Jesus. Comenta Ignacio: "A expressão batizar no Espírito é uma maneira nova de marcar diferenças entre ambos os batismos: o de Jesus confere o Espírito Santo; o de João, não. O dom do Espírito é concedido por Jesus."[10]

Além disso, a comunidade primitiva entendeu o batismo no Espírito como um batismo real com água e o identificou com o batismo cristão.[11] Existem passagens que associam a comunicação do Espírito Santo com o batismo com água[12] e que citam o dom do Espírito como efeito do batismo de água.[13] Contudo, conforme Ignacio Oñatibia, não se deve entender o binômio batizar com água e batizar no Espírito como oposição, mas como semelhança. Logo, a expressão batizar no Espírito Santo significa a indissolúvel conexão existente entre o batismo cristão e Espírito Santo. Raniero Cantalamessa diz: "É justo ver o batismo no Espírito Santo

---

[8] Raniero Cantalamessa, 1996, p. 140-141.
[9] OÑATIBIA, Ignacio. **Batismo e Confirmação**: sacramentos de iniciação. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 54-55. (Coleção sacramentos e sacramentais).
[10] Id., Ibid., p. 55.
[11] Idem
[12] Cf. At 10, 44-48; 1 Cor 12, 13; Tt 3, 5.
[13] Cf. At 2, 38; 19, 3-6.

em relação com o batismo-sacramento, como seu complemento ou renovação. Mas isso não é suficiente; ainda não se disse tudo."[14]

Na teologia católica, podemos citar o teólogo Raniero Cantalamessa. Raniero é de opinião que o batismo no Espírito Santo é uma graça nova que tem a finalidade de renovar a graça batismal. Ele afirma:

> O batismo no Espírito é a ocasião em que a pessoa se converte, escolhe livre e pessoalmente Cristo como seu Senhor, confirma o seu batismo. É como quando o interruptor, permitindo a passagem da corrente, provoca o contato e faz que a luz se acenda.[15]

Raniero menciona que os Padres da Igreja, ao comentar o episódio de Pentecostes, usaram uma expressão que se espalhou na espiritualidade dos cristãos: "a sóbria embriaguez do Espírito". E Raniero afirma reiteradamente que este é um meio de colocar em prática esse programa espiritual.[16] Pois diz este teólogo pontifício: "São infinitos os testemunhos das pessoas que fizeram a experiência. É uma graça que muda a vida."[17]

Em 1981, foi realizado um Congresso Internacional de Pneumatologia por ocasião do XVI centenário do Concílio Ecumênico de Constantinopla. Ao falar da Renovação Carismática Católica e do batismo no Espírito Santo, o teólogo Yves Congar[18] (apud Raniero, 1996, p.144) assim se expressou: "Uma coisa é certa: trata-se de uma realidade que muda a vida das pessoas".

4. Testemunho pessoal de Raniero Cantalamessa

Falando de sua própria experiência, Raniero entende que a ação do Espírito Santo não se limita aos sacramentos. O batismo no Espírito Santo é uma bela forma de a pessoa ser renovada na vida espiritual e vivenciar o Pentecostes em sua

---

[14] Raniero Cantalamessa, op. cit., p. 142.
[15] Raniero Cantalamessa, 1996, p. 142.
[16] Id., Ibid., p. 144.
[17] Idem
[18] Raniero Cantalamessa,1996, p. 144.

vida. Podemos constatar isso na Lumem Gentium: "O Espírito Santo não só santifica e dirige o Povo de Deus mediante os sacramentos, como também distribui graças especiais entre os fiéis de qualquer condição, distribuindo a cada um, de acordo com sua vontade, seus dons."[19]

Raniero faz inúmeros elogios a esta experiência espiritual que ele mesmo experimentou em sua vida. Ele explica que "o batismo no Espírito revelou-se um poderoso meio de reavivar a vida espiritual de milhões de pessoas."[20] Outro elogio dele fundamenta-se na experiência de outras pessoas:

> Muitos dos que tiveram a experiência do batismo no Espírito ressaltam este fato: o que decide tudo é um ato total de abandono à vontade de Deus, um render-se e entregar-se a ele sem reservas, dar-lhe as rédeas da nossa vida.[21]

Também diz Raniero que a partir do batismo no Espírito não só cresceu na vida espiritual, mas seu sacerdócio e a sua consagração religiosa foram inteiramente renovados.[22] Ele chega a confessar que o batismo no Espírito mudou a vida dele.[23] Termina seu testemunho fazendo elogios à Renovação Carismática Católica, pois é neste movimento que se vivencia a experiência do batismo no Espírito na Igreja Católica. Diz Raniero: "compreendi que a Renovação no Espírito é uma coisa diferente de um acontecimento formado de emoções ou de entusiasmos superficiais; ela leva diretamente ao cerne do Evangelho."[24] Muitos veem a RCC com desconfiança por causa do batismo no Espírito e suas consequências. Porém, grandes teólogos do século XX, como o cardeal Yves Congar, têm percebido enormes bens com esta pratica:

> O interesse da Renovação é assegurar de maneira excelente a qualidade sobrenatural do povo cristão na base; dar uma visão mais perceptível aos carismas, sem monopolizá-los de nenhum modo; reintroduzir no ordinário da vida eclesial atividades como a "profecia" (...) ou as curas não somente

---

[19] LG 12.
[20] Raniero Cantalamessa, op. cit., p. 146.
[21] Id., Ibid., p. 149.
[22] Id., Ibid., p. 148-150.
[23] Raniero Cantalamessa, 1996, p. 149.
[24] Idem

> espirituais (...) mas físicas (...). A Renovação é uma resposta à expectativa pentecostal expressa por João XXIII. Paulo VI também disse: "A Igreja tem necessidade de um perpétuo Pentecostes."[25]

Além disso, Yves Congar analisa o batismo no Espírito a partir do testemunho dos que experimentaram.[26] Ele reconhece que o Espírito Santo pode vir sempre de modo novo no coração de quem se abre para Deus. Termina sua reflexão afirmando que tal experiência do batismo no Espírito para ser real tem que apresentar os frutos do Espírito.[27]

5. Batismo no Espírito Santo: é um processo de crescimento e uma graça imerecida

De início, devemos levar em conta uma regra na vida espiritual que diz o seguinte: quem não progride, regride. Assim, não existe um momento em que a pessoa permanece no mesmo grau ou estado, pois ou ela está num processo de crescimento ou está voltando no caminho espiritual sem saber.

Podemos notar isso não só nas explicações de santos, mas também a própria teologia reconhece que a vida do espírito comporta leis de crescimento. K. Rahner[28] (apud Federico Ruiz, 1996, p. 448) diz:

> Tudo isso demonstra que não se consegue a perfeição com o ato decisivo da conversão. A vida sucessiva não é simplesmente uma ratificação, idêntica e imutável, da atitude fundamental tomada de uma vez por todas; implica isto sim, crescimento e maturação, progresso e aumento.

Como acontece com todas as graças, o batismo no Espírito é uma graça a ser desenvolvida e aperfeiçoada na prática do cotidiano. Ninguém deve se contentar em receber esta graça – por maior que ela seja -- e simplesmente não fazer nenhum

---

[25] CONGAR, Ives. **"Ele é o Senhor e dá a vida".** São Paulo: Paulinas, 2005. p.202-203.
[26] Id., Ibid., p.249-264.
[27] Id., Ibid., p.264.
[28] SALVADOR, Federico Ruiz. **Compêndio de teologia espiritual**. São Paulo: Loyola, 1996.

esforço para progredir. É um grande perigo ir por este caminho. Cada um é chamado a colaborar com a graça divina no seu processo de santificação. De nossa parte, temos que crescer, praticar as virtudes e amar as pessoas.

Por outro lado, devemos compreender que existem graças que não merecemos. Há virtudes, graças e dons dados por Deus que é puro dom e pura generosidade divina. Não é mérito humano. Não depende de mortificação, penitência ou vida ascética que a pessoa pratique. O batismo no Espírito Santo é uma destas graças que Deus dá conforme o seu quer soberano. Quem já teve a graça de recebê-lo, não sabia se iria recebê-lo. Existem até muitas pessoas atualmente que nunca receberam o batismo no Espírito e, no entanto, também levam uma vida renovada no Espírito e na graça de Deus.

Em suma, uma pessoa, mesmo recebendo muitos favores do céu, deve se esforçar para progredir até a perfeição e tem que entender que tudo é graça de Deus, é dom gratuito, é graça sem merecimento algum de sua parte.

6. Batismo no Espírito ou efusão no Espírito?

Outro assunto a respeito da terminologia utilizada nestes últimos tempos é referente ao batismo no Espírito. Há alguns – como os protestantes e carismáticos -- que argumentam que usar a expressão *batismo no Espírito* é conservar a fidelidade à Sagrada Escritura; outros, especialmente os bispos, preferem o termo *efusão do Espírito* por questões pastorais.

Os participantes da Renovação Carismática Católica frequentemente utilizam em suas pregações, livros, apostilas e conversas informais o termo batismo no Espírito. Fundamentam tal atitude devido a Sagrada Escritura sempre destacar a expressão batismo no Espírito Santo.[29] Estão corretos sob o ponto de vista escriturístico.

---

[29] Cf. Mt 3, 11; Jo 1, 33; At 1, 5.

Por outro lado, no Brasil, muitos bispos manifestaram insatisfação na terminologia usada pelos carismáticos. Estes bispos preferem que se usem a expressão efusão do Espírito. É uma preocupação pastoral motivada pelo fato de várias pessoas não entenderem esta realidade e confundirem-na com o batismo sacramental. Por conta disso, por razões pastorais, os bispos num de seus documentos, especialmente o documento 53, recomendam vivamente que os carismáticos utilizem a terminologia efusão do Espírito em vez de batismo no Espírito. Diz o referido documento:

> A palavra "Batismo" significa tradicionalmente o sacramento da iniciação cristã. Por isso, será melhor evitar o uso da expressão "Batismo no Espírito", ambígua, por sugerir uma espécie de sacramento. Poderão ser usados termos como "efusão do Espírito Santo", "derramamento do Espírito Santo". Do mesmo modo, não se utilize o termo "confirmação" para não confundir com o sacramento da Crisma.[30]

Tanto uma postura quanto a outra é verdadeira e está correta, não só do ponto de vista bíblico como do ponto de vista pastoral. Entretanto, como os bispos são os sucessores dos apóstolos e mestres da fé, é preferível que os cristãos católicos de espiritualidade carismática usem a expressão efusão do Espírito para não confundir a cabeça do povo simples e sem instrução.

---

[30] CNBB: **Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**. 9.ed. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 26-27.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo, percebemos que a união com Deus é vista e vivida de várias formas, desde a Sagrada Escritura até os santos contemporâneos. No A.T foi vivida pela prática da presença de Deus por Abrão; no N.T, nos Evangelhos sinóticos, foi recomendada por Jesus através do adjetivo "perfeição". Em João, a união com Deus é experimentada por aqueles que cumprem a Palavra de Deus e o amam. Já em Paulo, notamos que é vontade do próprio Deus que a pessoa tenha uma vida santa e deseje se unir a Ele. Orígenes afirma que é através da meditação e contemplação a pessoa se torna divina. Agostinho ensina que é entrando em si mesmo e desejando ardentemente a Deus que podemos nos unir a Ele. Bernardo de Claraval evidencia que a união com Deus pode ser tão profunda que é um verdadeiro matrimônio espiritual. Catarina de Sena destaca os três graus da caridade: imperfeito, perfeito e perfeitíssimo na união com Deus. Teresa de Jesus afirma que para se unir a Deus a pessoa deve se dedicar a uma vida de oração intensa e ter uma entrega absoluta a vontade de Deus. João da Cruz explica que todas as pessoas devem passar obrigatoriamente pela purificação espiritual que ele denominou de "noite escura" para chegar à união divina. Faustina destaca que é na adoração e na comunhão diária que a pessoa fica disposta a unir-se a Deus em seu coração, confiando em sua misericórdia. Por fim, Pe. Pio ensina que devemos nos unir a Paixão de Cristo para nos assemelharmos e nos unirmos a Ele.

Além disso, destacamos em nossa explicação acima, no capítulo segundo, que a divina união gera enormes favores para quem tem essa graça. Citamos somente alguns deles, tais como: divinização, isto é, a pessoa participa da divindade de Deus e torna-se "Deus por participação", a recuperação da semelhança divina,

estado de perfeição com inúmeras virtudes, todas elas perfeitas, grandes e fortes; a caridade torna-se perfeita e sobrenatural, a pessoa fica cheia do Espírito Santo, rica de dons e graças e a pessoa perde seu amor egoísta e adquire um amor desinteressado e altruísta.

Demais, também no terceiro capítulo, refletimos que existe uma relação entre a união com Deus e a experiência do batismo no Espírito Santo. Ambas as graças marcam a vida do crente, pois quando a experimentam sua vida, a pessoa não é mais a mesma. Os frutos de tal experiência logo aparecem. Ambas são pura graça divina. Vimos que o batismo no Espírito tem fundamento na Escritura e não foi inventado por nenhuma espiritualidade atual como a RCC. Além do mais, fizemos uma distinção entre o batismo sacramental e o batismo no Espírito, sendo este último como que uma renovação da graça sacramental recebida no batismo. Notamos que o batismo no Espírito é uma graça que precisa de correspondência para crescer e é uma graça sem merecimento algum. Vimos o testemunho pessoal do pregador do Papa, Frei Raniero Cantalamessa, acerca do batismo no Espírito, apresentando aspectos positivos como transformação de vidas. Por fim, analisamos do ponto de vista pastoral, que é melhor utilizar a expressão "efusão do Espírito" em vez de "batismo no Espírito" para não confundir a mente dos cristãos simples e sem instrução. Estes poderiam não distinguir o batismo sacramental e o batismo no Espírito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agostinho de HIPONA. **Confissões**. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2006.

BASÍLIO, Frei João Alves. **Vida de Santa Catarina de Sena**. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2002.

Basílio de CESARÉIA. Tratado sobre o Espírito Santo. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2005.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

CANTALAMESSA, Raniero. **Ungidos pelo Espírito**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

Catarina de SENA. **O Diálogo**. 10.ed.São Paulo, Paulus, 2007.

_____. **As Cartas**. 3.ed.São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **As orações.** 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo, Loyola, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL: **Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**. 9.ed. São Paulo: Paulinas, 2009. (Documentos da CNBB, 53).

CRUZ, João da. **Obras completas.** 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes e Carmelo Descalço do Brasil, 2002.

_____. **Chama viva de amor**: a festa do Espírito Santo. São Paulo: Loyola, 1999.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2007.

GILSON, Étienne. **O Espírito da Filosofia Medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GNEO, Corrado. **As virtudes da Bem Aventurada Maria Margarida Caiani**. [S.l.] : Instituto Irmãs Franciscanas Mínimas do Sagrado Coração, [199-].

HAWTHORME, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Orgs.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2008.

JESUS, Teresa de. **Castelo Interior ou moradas**. 14.ed. São Paulo: Paulus, 2008.

KOWALSKA, Faustina. **Diário**: A misericórdia divina na minha alma. 40.ed. Curitiba: Mãe da Misericórdia, 2012.

LITURGIA DAS HORAS, Vol. IV. Petrópolis: Vozes, 2000.

OÑATIBIA, Ignacio. **Batismo e Confirmação**: sacramentos de iniciação. São Paulo: Paulinas, 2007.

PASQUALE, Gianluigi. **Padre Pio**: as cartas do santo de Pietrelcina. São Paulo: Paulinas, 2006.

SALVODOR, Federico Ruiz. **Compêndio de Teologia Espiritual**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.